UMA VÉSPERA DE REIS

ARTUR AZEVEDO

UMA VÉSPERA DE REIS

Comédia em um ato

Personagens

REIS, pai-de-família
BERMUDES, fazendeiro de Camamu
ALBERTO, estudante de medicina
JOSÉ, moleque
FRANCISCA, mulher de Reis
EMÍLIA, sua filha
UMA VIZINHA
DOIS PRETOS-MINAS, RANCHO DOS REIS, POVO, ETC.

A cena passa-se na capital da Bahia, em uma casa do Largo da Lapinha. Atualidade. Em casa de Reis. Sala de visitas. Mobília velha: mesa, cadeiras, piano de mesa. Castiçais com grandes mangas de vidro. Registros do Senhor do Bonfim. Palha Benta em um dos cantos da sala. Ao fundo, porta que deita para o corredor; à direita, duas janelas; à esquerda porta comunicando com o interior da habitação. É dia.

Cena I

JOSÉ e ALBERTO

(José está à janela, conversando com Alberto que se acha da parte de fora).

JOSÉ - Então V.S. me acha com cara de pau de cabeleira; não é assim, seu doutor?

ALBERTO - Fecho-te já a boca... *(Dando-lhe dinheiro).* Toma lá dois mil réis.

JOSÉ *(Examinando)* - Aqui só estão dez tostões... *(Guarda* o *dinheiro).*

ALBERTO - Logo dar-te-ei os outros dez. Anda! Vê um momento em que ela esteja sozinha.

JOSÉ - Não se incomode! Venha de lá um charutinho para o moleque...

ALBERTO - Eu fico à espera do assobio ali, *(aponta)* encostado ao chafariz...

JOSÉ - Faça favor de seu fogo. *(Acende o seu charuto no de Alberto).* Pode ir descansado, que o cabra é onça.

ALBERTO - Vê lá o que fazes, hein? Até logo... *(Desaparece).*

Cena II

JOSÉ, *(desce à cena e canta) findando o trêmulo que a orquestra tem conservado desde a introdução).*

COPLAS

I

Sou vivo como um azougue,
para dinheiro arranjar:
hoje não pude, no açougue,
o carniceiro enganar.
Apesar de ser moleque,
sou vivo como um senhor
doutor;
pra num bolso dar um cheque,
como eu ninguém há
por cá.
Olá!
Como eu ninguém há!
Olé!
Como eu ninguém é!
Oh!
Como eu ninguém vi!
Olô!
Ninguém é como eu sou:
Olu!
Ninguém é como tu!

II

Que me importa que se diga
qu'éstes meus modos são maus,
que sou doido de uma figa
e ando feito um dois de paus?
Se me vêem nas algibeiras
moedas a tinir.
cair!
Dou-me bem co'estas maneiras,
pois é isso o que dá *(Esfrega os de*dos)
pra cá! *(Aponta para* as *algibeiras)*
Olá! etc.

Cena III

JOSÉ e EMÍLIA

EMÍLIA *(Vendo José a fumar)* - Muito bonito! Parece um dono de casa!

JOSÉ *(Apaga o charuto com saliva e guarda-o atrás* da *orelha)* - A benção, Iaiázinha?

EMÍLIA - Adeus. *(Senta-se)* Já viste passar seu Alberto, José?

JOSÉ - Já sim, iaiázinha.

EMÍLIA - Ora! Por que não me chamaste?

JOSÉ - Coisa melhor, iaiázinha! Não se amofine! *(Mostra-lhe a carta e cantarola).* Trá lá rá lá lá...

EMÍLIA *(Ergue-se vivamente)* - Deixa ver! Deixa ver!

JOSÉ *(Arremeda-a)* - Deixa ver! Deixa ver! *(Esquiva-se ao* alcance das *mãos* da *moça, negando-lhe a carta; afinal trepa sobre uma cadeira e entrega a carta) depois de levá-la à maior altura em que possam tocá-la as mãos de Emília).*

EMÍLIA - Deixa-te de confianças, moleque! *(Toma a carta).*

JOSÉ - Eu é que devo levar a resposta, iaiázinha!

EMÍLIA *(Abre e lê a carta)* - "Milu. Peço-te que me deixes entrar hoje para a sala. O José ficará à porta e nos avisará quando avistar teu pai. A janela sempre podemos dar que falar à vizinhança. Teu - Alberto". *(Guarda a carta).* Ora! Seu Alberto não se enxerga!

JOSÉ - 0 que diz, iaiázinha?

EMÍLIA - Digo o que deve dizer uma menina de juízo: não consinto que ele transponha aquela porta sem o consentimento de papai e de mamãe. Quando for meu noivo, sim...

JOSÉ - Se iaiázinha soubesse o empenho que seu doutor mostra! Olha, não diga nada a ele... mas... ele me pediu que

dissesse a iaiázinha que me entregou esta carta com as lágrimas nos olhos... *(Pausa).* Mas uma vez que iaiázinha não quer... *(Vai sair pelo fundo).*

EMÍLIA - José?

JOSÉ *(Voltando ligeiro)* - Mando entrar o moço?

EMÍLIA *(Depois de hesitar)* - Está bom, manda *(José vai a sair).* Mas espera: é preciso que lhe afirmes que só consenti depois de muitas instancias tuas. Será bom que não me julgue fácil. Manda-o entrar. Onde está ele?

JOSÉ - Olhe. *(Aponta para a rua, pela janela).* Não vê aquele tipo encostado ao chafariz? Fumando?

EMÍLIA - Sim. Isso há de ser já, enquanto papai não volta e mamãe está ocupada com o doce de araçá... *(Vai saindo).*

JOSÉ - Então iaiázinha não fica para recebê-lo?

EMÍLIA - Eu devo vir lá de dentro como quem não sabe da cousa. Já te disse: quero que ele se persuada que eu não aprovo...

JOSÉ - Se sinhô velho descobre...

EMÍLIA - Anda! Não estejas aí a papaguear! Avia-te! *(sai).*

Cena IV

JOSÉ *depois* ALBERTO

JOSÉ - O que eu quero é não ficar mal no negócio. Tenho medo destas coisas que me pelo! *(Vai à janela e assobia: responde-lhe da rua um outro assobio).* Moleque está fino no namoro!

Duetino

JOSÉ *(À janela)*

Entre depressa, meu ioiozinho!

(Correndo ao corredor)

Não faça bulha! Devagarinho!

ALBERTO *(Entra)*

Faça de conta que a casa é sua,
pois sinhô velho está na rua.

ALBERTO - E sinhá velha?

JOSÉ - Lá na cozinha,

fazendo doce com iaiázinha.

ALBERTO *(À boca da cena)*

Eu sou Alberto Ribeiro,
estudante o mais pimpão!

JOSÉ -

Na bolsa pouco dinheiro;
muito amor no coração.

JUNTOS

Quando me lembro/se lembra que a namorada
nesta casinha vive isolada,
deixo/deixa pro lado a anatomia,
e sem saudades da cirurgia,
deito/deita a correr pro seu lado!
Sou/É ligeiro namorado!
Olaré! Olaré!
Vida boa isto é que é!

JOSÉ - Não se demore muito, é que é; hoje, véspera de Reis, sinhô velho deve entrar cedo...

ALBERTO - E Milu? Onde está ela?...

JOSÉ - Iaiázinha não tarda. Está contente como quê! Mas não diga nada a ela, porque ela me disse que lhe dissesse que não

aprova a entrada de V.S. aqui e que só a muitas instâncias minhas...

ALBERTO - Bem. Toma lá dois mil réis... *(Dá-lhe dinheiro)*

JOSÉ - Aqui só estão dez tostões...

ALBERTO - Anda... Mexe-te... Logo terás os outros dez.

JOSÉ - Olhe: ai vem a iaiázinha. *(Sai pelo fundo).*

Cena V

ALBERTO e EMÍLIA

EMÍLIA *(Fingindo surpresa)* - Ui!

ALBERTO - Não se assuste... Não se assuste... Sou eu...

EMÍLIA - Quem foi que o autorizou...?

ALBERTO *(Interrompendo-a)* - Quando se ama, meu bem, não se quer saber de autorizações; o coração tudo autoriza e às leis que ele dita, não há desobediência possível.

EMÍLIA - Você tem lábias, tem...

ALBERTO - E lábios... para dizer que te amo, que te adoro, que és o sol de minha vida, a estrela de minha existência! *(Ajoelha-se).*

EMÍLIA - Ó gentes! Eu não sou santa, seu Alberto. Se alevante. *(Alberto ergue-se).* Mas estes estudantes são mesmo muito atrevidos! Ora se papai...

ALBERTO - Descansa; o José está à porta da rua para prevenir-nos...

EMÍLIA - Hei de contar a mamãe o desaforo de José! Você acha muito bonito andar de combinações com o moleque, não?

ALBERTO - O que eu acho é que foi com o teu consentimento que...

EMÍLIA *(Depois de ir fechar a porta da esquerda)* - Vamos ao que importa: o que me quer?

ALBERTO - O que te quero? Quero ver-te; falar-te; pintar-te ao vivo este amor; ouvir de ti mais uma vez que me amas.

EMÍLIA - Mesmo por você saber que o amo; por esperá-lo à janela para vê-lo passar e apertar-lhe a mão ou oferecer-lhe uma flor, é que você abusa! Ingrato! Fazer consentir em que tenha entrada aqui, sem papai nem mamãe saberem!...

ALBERTO - Es injusta, Milu, és muito injusta *(Emília faz-lhe má cara).* Está bem! Já não digo nada! Adeus! Não quero comprometê-la... *(Dirige-se para a porta do fundo).* Não quero abusar...

EMÍLIA - Alberto?

ALBERTO *(Quase a sair)* - Adeus.

EMÍLIA *(Bate o pé)* - Alberto!

ALBERTO *(Volta à cena)* - Milu?

EMÍLIA *(Toma-lhe as mãos)* - Você não é homem; você é o diabo!

ALBERTO - Queres dizer que sou mulher?

EMÍLIA - Por que não me pede a papai?

ALBERTO - Já te disse que isso tem seus *quês*: teu pai, disseste-me, quer casar-te com o filho de um seu compadre...

EMÍLIA - Meu pai não é homem que obrigue a filha casar-se à força!

ALBERTO - Ainda há outra coisa: eu tenho um tio...

EMÍLIA - Ah! Você tem um tio? Ainda não me havia dito...

ALBERTO - Pois de onde me vem a mesada? De meu tio... É preciso que me entenda com ele... Se faz-me as vezes de pai, não é muito natural que eu, que faço as vezes de filho, case-me sem ao menos dizer: Água vai.

EMÍLIA - E se ele puser alguma objeção?

ALBERTO - Não põe, não. Meu tio é muito meu amigo. É capaz de trepar ao céu, para ir buscar a lua, se eu lha pedir. O mais que pode haver é alguma demorazinha... Já estou no quinto ano... Logo que me formar...

EMÍLIA - Logo que se formar, adeus... Ora, eu bem conheço estes estudantes! Mentem por quantas juntas têm!

ALBERTO - Então já gostaste de algum, antes de mim?

EMÍLIA - Ó gentes! Quem foi que disse?... *(Â parte).* Só de três... *(Alto).* As minhas amigas é que me contam...

ALBERTO - Histórias! Se elas os merecessem, como me mereces, não havia motivo de queixa... *(Toma-lhe* as mãos). Sossega: prometo que hei de ser teu marido, a menos que te esqueças de mim.

EMÍLIA - E posso contar com a mesma firmeza de sua parte?

ALBERTO - Ainda me perguntas?

EMÍLIA - Jure...

ALBERTO *(Estende solenemente a mão)* Juro.. *(Outro tom).* Pelo que queres que eu jure?

EMÍLIA - Por tudo quanto há de mais sagrado.

ALBERTO *(Estende solenemente a mão)* Por tudo quanto há de mais sagrado... Estás satisfeita?

EMÍLIA - Estou, sim; é impossível que você quebre um juramento tão bonito!

ALBERTO - Se já estivesse formado, jurava-te à fé de meu grau!

Cena VI

EMÍLIA, ALBERTO e JOSÉ

JOSÉ *(Entra a correr)* - Iaiázinha! Seu doutor! Fujam! Fujam... *(Toda esta cena é rápida e de movimento).*

ALBERTO E EMÍLIA - O que é? O que é?

JOSÉ - Quando dei por mim, sinhô velho já vinha por trás da igreja... Fujam, fujam!...

ALBERTO - Logo que ele entrar para o corredor, eu pulo pela janela. *(Coloca-se atrás da janela).*

EMÍLIA *(Vai à janela e volta)* - É impossível!

JOSÉ - Depressa!

ALBERTO *(A Emília)* - Por que?...

JOSÉ - Depressa!

ALBERTO *(A Emília)* - Mas por que, por que?

EMÍLIA - Seu Antônio está na porta.

ALBERTO - Quem é seu Antônio nesta vida?

EMÍLIA - É o maroto da venda...

JOSÉ - Chi! Uma língua danada! Quando não tem de quem falar, fala de si... Depressa! Sinhô velho já deve estar na porta... *(Vai à porta* e volta *aflito,* com as *mãos* na *cabeça).*

EMÍLIA - Estou perdida!...

ALBERTO - Ah! Esta mesa. *(Esconde-se debaixo da mesa).*

REIS *(Fora)* - Vamos entrando...

EMÍLIA - E vem acompanhado... Meu Deus! O que sairá daqui?...

JOSÉ - Salve-se quem puder. *(Vai saindo e Reis que entra com Bermudes, agarra-o pelo braço).*

REIS *(A José, no fundo) - Ó* José, logo que vires o Manuel, aquele negro que foi capitão do canto da Soledade (tu o conheces...) com outro, carregando os baús do compadre, leva-os lá para o sótão... O carreto já está pago... Vai... *(José sai; durante a cena que se segue, vêem-se passar pelo fundo os dois negros, carregando os baús; depois tornam a passar, em sentido contrário) com as mãos vazias. Alberto de vez em quando espia por baixo do pano que deve cobrir a mesa e mostra que está impaciente e mal acomodado).*

Cena VII

EMÍLIA, ALBERTO, REIS e BERMUDES

BERMUDES *(Sem reparar em Emília bem como Reis) -* Você está num casão, compadre! Quanto paga por isto?

REIS - Trinta mil réis.

BERMUDES - Tem porões? *(Senta-se junto à mesa).*

REIS - Não; mas aqui a vizinha da esquerda tem e é quanto basta *(Outro tom).* Compadre, você vai para o sótão... para o quarto do Antonico, seu afilhado... Aquilo por lá é fresco... há de gostar.

BERMUDES - E onde está ele?

REIS - O sótão? É lá em cima... E só subir...

BERMUDES - Não; o Antonico.

REIS - Pois não lhe mandei dizer que foi para a Corte? Lá está na escola... escola... Ora, diabo! Esquece-me sempre o nome de tal escola... (*Repara em Emília).* Ó Milu! Estavas aí? Antes de

me tomares a bênção, dize cá; como é o nome da escola em que está teu irmão, lá no Rio de Janeiro?

EMÍLIA - Politécnica.

REIS - É isso... é isso... Poli...

BERMUDES - ... *técnica.* O nome é danado!

REIS *(Dá a bênção a Emília, abraça-a e beija-a na testa)* - Deus te faça santa! *(A Bermudes)* Aqui está minha filha, compadre; você não a conhece; quando veio a última vez à cidade, ela estava no Providência. Milu, tome a bênção ao compadre de papai...

BERMUDES - Qual a bênção! Venha de lá um abraço ao velho amigo de papai e da mamãe. *(Ergue-se)* A iaiá não faz idéia como éramos camaradas quando papai morava em Camamu. *(Abraça-a)* Éramos a corda e caldeirão... já lá vão uns bons vinte anos.

EMÍLIA - Papai fala-me muitas vezes em vocemecê.

BERMUDES - Pois não havia de falar? Entendíamo-nos perfeitamente! Camaradas em tudo: chapas combinadas para as eleições! Gostos iguais, etc., etc.! Que bons tempos! O que diz, compadre?

REIS - Mas ainda você não me disse nada da pequena.

BERMUDES - Pois que lhe hei de dizer? *(Graceja)* É muito feia... muito feia... muito desajeitada... *(Abraça-a de novo)* Eh, eh! Mentira, iaiá! É um anjinho de Nossa Senhora. *(A Reis)* - Está satisfeito?

EMÍLIA *(Enquanto Bermudes a abraça, a Reis)* - Isso é debique de seu compadre; não é, papai?

REIS - O que sei é que és uma moça de muito juízo...

EMÍLIA *(À parte, olhando com intenção para o esconderijo de Alberto)* - Se ele soubesse...

BERMUDES - Mas onde está encantada esta comadre?...

REIS - Vai chamar mamãe, Milu; dize-lhe quem está cá.

EMÍLIA - É já, papai. *(Vai saindo)*

REIS - Olha: leva isto lá para fora. *(Entrega-lhe chapéus e guarda-sóis seus e de Bermudes; Emília sai, olhando para o esconderijo de Alberto).*

BERMUDES *(Vendo-a sair)* - Ora quem havia de dizer? Está uma moça, hein? Isto é que me faz velho... *(Senta-se).*

Cena VIII

REIS e BERMUDES

BERMUDES - Está mesmo que parece talhadinha para o rapaz! Que bonito casal! Estou certo que, em se vendo, ambos os dois hão de ficar de beiço caído...

REIS *(Senta-se ao lado de Bermudes)* - Eu também estou certo disso. *(Um pouco embaraçado)* Mas olhe, compadre, eu toquei nisso à pequena...

BERMUDES - Ah! Tocou?

REIS - Toquei, sim, compadre, toquei...

BERMUDES - Então toque... *(Apresenta a mão a Reis que lha aperta)* A pequena (já se sabe!) pulou de contente; não pulou, não?

REIS - Pelo contrário, compadre, torceu o focinho...

BERMUDES - Torceu?!

REIS - Torceu, compadre, torceu...

BERMUDES - Aqui é que a porca torce o rabo... Mas ora adeus! Eu não quero que os pequenos casem sem se conhecerem. Eles que namorem primeiro um ano, dois... e depois amarrem-se! Falem-se, estudem-se! Se gostarem um do outro, muito que

bem; se não, já cá não está quem falou. Isso não vai a matar, nem vale a pena contrariá-los!

REIS - É que Milu... se não me engano...

BERMUDES - Se não se engana...

REIS *(Com mistério)* - Tem ai o seu namorico...

BERMUDES - Então está tudo acabado! *(Erguem-se)* Dê-se o dito por não dito e deixe-se correr o barco! O que você não deve, compadre, é constrangê-la; olhe que desses constrangimentos nasce muita coisa feia...

REIS - Aí vem a sua comadre.

Cena IX

ALBERTO, REIS, BERMUDES, FRANCISCA E JOSÉ

(Francisca entra da esquerda com as mãos lambuzadas de doce e as mangas arregaçadas e José do fundo).

FRANCISCA *(Expansiva)* - Ora viva o seu compadre!

BERMUDES - Ora viva a sinhá comadre! *(Quer apertar-lhe a mão).*

FRANCISCA *(Foge com as mãos)* - Estou com as mãos sujas! Estava dando ponto a um doce de araçá, de que o compadre há de gostar e lamber os beiços. Mas venha de lá esse abraço!... Cuidado! Não se suje!...

BERMUDES *(Antes de abraçar Francisca, a Reis)* - Com sua licença compadre...

JOSÉ *(Enquanto Bermudes e Francisca abraçam-se e depois conversam baixinho, aproxima-se de Reis)* - Sinhô velho?

REIS - O que é que me queres, moleque?

JOSÉ - Sinhô dá licença para eu hoje vir tarde para casa?

REIS - O que é que tens de fazer na rua, vadio?...

JOSÉ - Hoje é véspera de Reis... e eu sou do rancho...

REIS - O que tu és sei eu! Vá lá... vá lá...

JOSÉ - Sinhô velho faz bilhete?

REIS - Não é preciso; é véspera de Reis: podes andar sem bilhete. *(Dá-lhe dinheiro)* Não vá beber cachaça, hein? *(A Bermudes, mostrando José)* Ó compadre, conhece esta peça?

BERMUDES - É um bonito moleque.

JOSÉ - Muito obrigado.

REIS *(A José)* - Cala a boca, moleque!

FRANCISCA - Já não se *alembra* dele, compadre?

REIS - O José... cria de nossa casa...?

JOSÉ - José Filomeno dos Reis, um criado de v.s....

FRANCISCA *(A José)* - Cala a boca, apresentado!

BERMUDES *(Recordando-se)* - Ah! agora me lembro! Mas como está crescido este moleque!

FRANCISCA - É muito vadio, compadre! Quando era pequenino...

BERMUDES - A comadre estimava-o muito...

REIS - Chegava mesmo a fazer-lhe a cama; agora, não vale o que come! *(Bermudes e Francisca continuam a conversar baixinho).*

JOSÉ *(A Reis)* - Posso ir, sinhô velho?

REIS - Vai. *(José vai saindo)* Ó que idéia! *(Chama)* José!

JOSÉ *(Voltando)* - Sinhô?

REIS *(A Bermudes)* - Vou festejar a sua chegada, compadre! *(A José)* Uma vez que tu és do rancho, quero que faças com que ele venha dançar aqui esta noite; ouviste?

JOSÉ - Sim, sinhô; eu faço de *burrinha...*

FRANCISCA - Você deita-me este moleque a perder, seu Reis! *(A Bermudes)* Todo o dia santo este moleque leva todo o santo dia na vadiação!

REIS *(Sem dar ouvido a Francisca; a José)* - Está bom! Se vierem, dou uma gorjeta; si não vierem, levas uma dúzia de bolos!

JOSÉ - Antes quero a gorjeta, sinhô! *(Sai correndo e cantarolando).*

BERMUDES *(A Reis)* - Então, para festejar minha chegada, manda você dançar os Reis hoje, aqui... *(A Francisca)* O compadre é o mesmo: não mudou mesmo nada...

FRANCISCA - Deixe ele falar: aquilo é porque ele se chama seu Reis.

BERMUDES - Ah! Ah! Ah! A comadre teve graça! *(A Reis)* Também não mudou mesmo nada...

REIS *(A Bermudes)* - Mas ainda você não disse a D. Francisca...

FRANCISCA *(Interrompe-o)* - Lá vem seu Reis com D. Francisca! O cabeçudo ao pé de gente não é capaz de me tratar por D.Chiquinha...

BERMUDES - É costume antigo! Andavam sempre brigando por via disso em Camamu!

FRANCISCA - Aqui tem sido a mesma coisa! Veja lá, compadre! Com tantos anos de casados! E eu que embirro com semelhante nome de Francisca!

REIS *(Maçado)* - Pois vá lá D. Chiquinha... *(Estala a língua).*

FRANCISCA - Mas vamos a saber... *(A Reis)* O que ia você dizendo?

REIS - É que ainda o compadre não lhe disse *o* motivo que o trouxe à cidade... Mas você interrompe a gente...

BERMUDES - Venho à cidade por via daquela questãozinha de terras... A comadre lembra-se?

FRANCISCA - Não me lembro eu de outra coisa! Questãozinha, diz o compadre? Questãozona, digo eu! Que muitos cabelos brancos lhe fez criar!

BERMUDES - Ora! As terras eram minhas! A legitimação estava feita... *(Sinal de assentimento de Reis e de Francisca. Pausa)* Mas eu dormi no negócio...

REIS - Foi todo o seu mal, compadre!

BERMUDES - Mas agora o Coronel Casemiro...

FRANCISCA - Grandessíssimo cão! Não me hei de esquecer do dia em que ele me veio convidar para substituir a professora pública, que vinha doente para a cidade!

REIS - Ora! Aquilo é um vira-casaca muito desavergonhado!

FRANCISCA - Quando o bruto sabia perfeitamente que eu não sei ler!

BERMUDES - Não se admire, comadre, não se admire, porque ali por esse interior velho muita gente ensina aquilo que não sabe!...

REIS - Mas vamos à questão...

BERMUDES - O Coronel Casemiro apresenta documentos de que as terras são dele! "Oh! digo eu cá comigo, esta agora fia mais fino!" Entreguei a minha causa nas mãos do Secundino Barbosa...

FRANCISCA - Quem? Aquele *rabule* que brigou a soco com seu Reis nas eleições de 54?...

REIS - E por sinal que me partiu dois dentes, *(Mostra a falta dos dentes e fala com a boca aberta)* que nunca mais tornaram a nascer!

BERMUDES - Esse mesmo! *(Em tom lamentoso)* Ah! compadre! *(Toma a mão de Reis)* Ah! comadre! *(Toma a de Francisca, esquecendo-se de que esta' suja)* Aquele homem foi a morte de minha causa!

FRANCISCA E REIS - Sim? Deveras?

BERMUDES *(Abandona-lhe as mãos com desânimo)* - E talvez seja a causa da minha morte! *(Limpa a mão que pegou a de Francisca).*

REIS - Ora não pense nisso!

FRANCISCA - Ponha o coração à larga, compadre...

BERMUDES - Tem razão, compadre; tem razão, comadre; ambos os dois têm razão. *(Alegra-se aos poucos).* Principalmente hoje, véspera de Reis é dia de alegria, porque vi a vocemecês, à menina, e amanhã verei também meu sobrinho. O tratante anda sempre a mudar-se e então agora está em férias: não posso procurá-lo na *Academia.* Olhem que aquele rapaz é o meu pecado! Mas, graças às cabaças, está quase senhor doutor e pronto para mandar gente para o outro mundo... Pouco se me dá dos cobritos que tenho gasto com ele neste!

FRANCISCA - E o que me diz a respeito de umas certas cartinhas trocadas entre seu Reis e o compadre?

BERMUDES - Já não se fala nisso! A moça gosta de outro e amor não é imposto pessoal.

FRANCISCA - Eu já não penso assim! Bem podíamos mostrar a Milu o verdadeiro caminho da felicidade...

REIS - Asneira no caso!

BERMUDES (*Sentencioso*) - Comadre, o verdadeiro caminho da felicidade é aquele em que a gente anda por seu gosto e não aquele para onde nos empurram.

REIS - Apoiado! Casem-se à vontade as moças e depois lá se avenham!

FRANCISCA - O compadre já sabe que seu afilhado...

BERMUDES - Já. Já sei que está na escola... na escola... (Á Reis) Como é o nome da escola, compadre?

REIS - Escola... escola... Como é, D. Francisca?

FRANCISCA (*Zangada*) - Dona Francisca, hein?...

REIS (Emenda) - Como é, D. Chiquinha?

FRANCISCA - Ora! Eu tenho o nome debaixo da língua...

BERMUDES - Eu também...

REIS - Eu também... (*Chama*) Milu, ó Milu! (*Emília responde de dentro com um grito*).

REIS E FRANCISCA - Vem cá...

OS TRÊS - Escola... escola... Ora!

Coro

O que diabo de nome!
O que nome do diabo!
A paciência consome
E da pachorra dá cabo!

Cena X

OS MESMOS E EMÍLIA

EMÍLIA - O que querem?

OS TRÊS - Como é o nome da escola em que está o Antonico?

EMÍLIA - Como? Não entendi!

OS TRÊS - Como é o nome... *(Calam-se* e *entreolham-se).*

EMÍLIA - Fale só um. *(Tornam a falar todos a um tempo).*

BERMUDES - Fale você, compadre.

REIS - Fale você, D. Fran... Chiquinha.

FRANCISCA - Fale você, compadre.

BERMUDES - Como é o nome da escola em que está o Antonico?

EMÍLIA - Escola po-li-té-cni-ca.

OS TRÊS - Amm...

Repetição do coro

O que diabo de nome! etc.

EM!ÚA - Com licença. O tacho ainda está no fogo. (*Sai, olhando furtivamente para o esconderijo de Alberto).*

BERMUDES (*Vendo-a sair)* - Que boa dona de casa está ali se formando, hein, comadre?

FRANCISCA - Veremos, compadre, veremos...

REIS - Temos trabalhado para fazer dela não só uma boa dona de casa, como diz você; mas também uma senhora que saiba entrar numa sala...

FRANCISCA - Lá isso é verdade!

BERMUDES - Nunca lhe doam as mãos, compadre!

REIS - Já aprendeu francês, inglês, um bocadinho de italiano...

BERMUDES - Deveras?...

FRANCISCA - Sim senhor; e está agora *arrecordando* o português...

REIS - Olhe! *(Aponta para* o piano).

BERMUDES - Piano, hein?

REIS- É como vê!

BERMUDES - Muito bem! *(Outro tom.* A Francisca) Ora, comadre! Vim encontrar esta heróica cidade de S. Salvador muito mudada!

FRANCISCA - É verdade! Ainda não me falou a esse respeito! O que me diz do parafuso?... Seu Reis já me fez trepar naquela geringonça! Mas não é mais a filha de meu pai... O compadre subiu pelo parafuso?...

BERMUDES - Subi, comadre, subi; mas também não é mais o filho de minha mãe... Eu estava só vendo desgrudar-se aquela futrica, e zás catrapus, era uma vez um Bermudes! *(Benze-se)* Nada!

FRANCISCA - E o chupão que se recebe *(Imita)* Fuuu... Agora, os *bondes* sim...

BERMUDES - Sim, senhora! Para aí vou eu! Falem-me dos *bondes!* Mas que mudanças, compadre! Que invenção, comadre!

Tango

Tanta mudança me faz confuso!
Pois se o progresso anda tão fino,
que temos bondes e parafuso,
temos o cabo submarino!
E até é uso
lindas modinhas tocar o sino!
Se o que se passa cá na Bahia,
dizer-se quer mandar á França,
vem a resposta no mesmo dia,
e na viagem ninguém se cansa!...
Virgem Maria!
Me faz confuso tanta mudança.

OS TRÊS - Virgem Maria, etc.

BERMUDES

Não há mais o que se invente!
Que invenções encontrar vim!
Por três tostões vai a gente
até o fim do Bonfim!
A libra chama-se quilo,

segundo os novos padrões!
O que nos falta é aquilo
com que se compram melões...

OS TRÊS -0 que nos falta, etc.

REIS - D. Francisca, vá...

FRANCISCA - Chame-me D. Chiquinha, seu Reis! Jesus! Que teima de homem!

REIS *(Com resignação)* - D. Chiquinha, vá aprontar o sótão... Já sabe que o compadre vem morar conosco?

FRANCISCA - Nem a gente consentia que morasse em outra parte!

REIS - As bagagens já lá estão.

FRANCISCA - Então, com licença, seu compadre. Quando quiser, nada de cerimônias, que a casa é sua. *(Vai saindo e retrocede)* Ah! Deixe-me acender estas velas. *(A cena tem escurecido gradualmente. Francisca acende duas velas dos castiçais).*

REIS *(Enquanto Francisca prepara a luz)* Você não quer mudar de roupa, compadre?

BERMUDES - Daqui a bocadinho... Se você tem um cachimbo, traga-me... Eu ainda fico por cá. Está agradável esta viração.

REIS - É já. *(Sai com Francisca).*

Cena XI

ALBERTO e BERMUDES

(Bermudes senta-se junto à mesa; *pega num álbum, deita os óculos, e começa a folheá-lo. Alberto sai do esconderijo).*

BERMUDES - *(Examina as fotografias)* Este é sua majestade... É um imperador bem bonito! Está acabado... Pois olhem que é mais moço do que eu... *(Folheia)* Aqui estão o compadre, a

comadre, a Milu e o meu afilhado... Está muito bom este grupo... A comadre é que não está muito parecida, não. O Antonico está um homem! Deus queira que faça alguma coisa lá pela tal escola *lipoténica...*

ALBERTO *(Aproxima-se pé ante pé de Bermudes, tapa-lhe os olhos e disfarça a voz)* - Quem sou eu?

BERMUDES - Oh! Oh! Não aperte tanto! Sei lá quem é! Veja que o senhor está enganado; eu não sou o compadre; isto é: sou o compadre, sim, mas o compadre do compadre! Largue-me, senhor! E esta! Será algum maluco?

ALBERTO (*Com voz natural*) - Então já adivinha?

BERMUDES - Que ouço!... Que vejo!... (*Ergue-se admirado e contente*) Pois tu... mas tu... oh! tu...

Duetino

BERMUDES
Corre a meus braços!
ALBERTO
(*Abraça-o*) Aqui me tem!
BERMUDES
Oh! Meu Deus, isto faz tanto bem! *(Abre de novo os braços. Novos abraços).*
ALBERTO
Aqui me tem!
BERMUDES
Como estou satisfeito!
ALBERTO
E eu também!
BERMUDES
(Mesmo jogo de cena.) Mais um abracinho!
ALBERTO
Aqui estou eu!
BERMUDES
Oh! Meu Deus, que de bens isto faz
Oh! Meu sobrinho!
ALBERTO
Oh! Tio meu!
BERMUDES
Quanto'stou satisfeito!

ALBERTO
Eu estou mais!

BERMUDES - Mas como diabo achaste aqui?

ALBERTO - Vim seguindo-o; vocemecê vinha adiante; eu vinha atrás; até que afinal vi-o entrar para cá; esperei-o a ver se saía; mas como vi entrarem as bagagens, disse: Bem, ao que parece, vai o homem hospedar-se ali...

BERMUDES - Bem mostras que tens cabeça; sais a teu pai que, para ir a qualquer parte, bastava que lhe ensinassem o caminho. Eu ia para o hotel para de lá procurar-te e morar contigo... Onde moras tu agora?

ALBERTO - No beco do Tira-chapéu... numa república.

BERMUDES - República?!

ALBERTO - É uma espécie de Boêmia...

BERMUDES - Boêmia....

ALBERTO - É uma espécie de república...

BERMUDES - Amm... *(À parte)* A explicação foi bem dada, mas eu fiquei na mesma...

ALBERTO - Mas, afinal de contas, por que não foi morar comigo?

BERMUDES - Encontrei o compadre, que obrigou-me a vir para cá. Mesmo porque, em casa do compadre estou melhor que numa... como chama?

ALBERTO - República.

BERMUDES - Mas que diabo quer dizer uma república?

ALBERTO - É uma espécie de...

BERMUDES - ... de Boêmia. Estou ciente. Cá recebi, não havia pressa! *(À parte)* Isto é por força nome de mezinha...

Cena XII

OS MESMOS E REIS

REIS - *(Traz um cachimbo aceso e um cálice de aguardente que oferece a Bermudes).* Aqui tem, compadre, o cachimbo e um golinho de aguardente para refrescar. *(Cumprimenta Alberto).*

BERMUDES *(Fumando)* - Meu sobrinho, de quem tantas vezes falamos.

REIS - Ah! Sim.... Como está, senhor doutor? Sinto que nunca nos viesse ver...

BERMUDES - Quem teve a culpa foi este seu criado. Não lho apresentei, porque disse lá comigo: Quanto menos conhecimentos tiver, mais depressa andará em seus estudos...

REIS *(Amável)* - E como soube que estava aqui o Sr. seu tio, doutor?

BERMUDES - Seguiu-nos...

REIS - Oh! E por que não falou logo?...

ALBERTO - É que a princípio duvidei que fosse meu tio; mas depois que vi entrarem as malas...

REIS - Então foi pelas malas que o conheceu?

BERMUDES - É que elas trazem meu nome...

REIS - Amm...

ALBERTO *(À parte)* - Feliz caso...

BERMUDES - Compadre, vamos para o tal sótão... Quero conversar com este rapaz sobre seus estudos, sua vida na cidade. *(A Alberto)* Quero dizer-te também o que me fez sair do meu sossego...

ALBERTO *(À parte)* - Bis.

BERMUDES - ...e mostrar-te uma ferida que tenho... mas não te mostro, não. Tu já tens tempo de sobra para saber...

ALBERTO *(Com importância)* - Ora!

BERMUDES - Talvez seja alguma... Boêmia, hein!

ALBERTO - Que disparate, meu tio!

REIS - Vamos, compadre. Passemos pelo corredor. *(Saem* pelo *fundo).*

Cena XIII

EMÍLIA *depois* FRANCISCA

EMÍLIA *(Entra pressurosa e, depois de certificar-se de que está só, ergue o pano da mesa sob que estava escondido Alberto: tristemente)* Foi-se!

FRANCISCA - *(Entra)* Quem?...

EMÍLIA - Senhora?

FRANCISCA - Quem é que... foi-se?

EMÍLIA *(Perturbada)* - Donde?

FRANCISCA - O Milu! Pois não arribaste o pano da mesa e não disseste - "Foi-se?" Foi-se quem?...

EMÍLIA - Ah! Era um camondongo...

FRANCISCA - Pois aqui em casa não havia ratos...

EMÍLIA - Não era rato, *não;* era camondongo...

FRANCISCA - Vem a dar certo: eles hão de crescer por força... Vou mandar pôr pelos cantos da casa bananas espetadas com *fosques.*

EMÍLIA - Isso não é bom; vocemecê já o fez, e em vez dos ratos foi o gato que comeu as bananas e morreu.

FRANCISCA - Pobre Rocambole!

EMÍLIA - Para onde foi seu compadre, mamãe?

FRANCISCA - É provável que para o sótão, que é o quarto que está marcado para ele. E por falar no compadre, menina: se te casasses com o sobrinho...

EMÍLIA - Havia de ser muito infeliz...

FRANCISCA - Pelo contrário: havias de ser muito feliz. O compadre é homem dinheirado e o tal sobrinho vem a ficar com aquilo tudo...

REIS - *(Fora,* do *sótão)* D. Francisca... o D. Francisca!

FRANCISCA - Lá está teu pai a chamar-me de D. Francisca. Olhem que é forte teima! Pois não respondo, não.

REIS - (Fora) D. Francisca...

FRANCISCA - Grita para aí.

REIS *(No mesmo*) - D. Francisca...

FRANCISCA *(A Emília)* - Vê se ajudas a Maximina a passar aquele doce de araçá para as compoteiras.

REIS *(No mesmo)* - D. Francisca...

FRANCISCA - Grita!

REIS *(No mesmo)* - D. Chiquinha! Ó D. Chiquinha!

FRANCISCA - Ah! Isso é outro cantar... *(Muito terna)* O que é, seu Reis, o que é? Aí vou eu... *(Sai pelo corredor).*

Cena XIV

EMÍLIA

"Havias de ser muito feliz", disse mamãe. Moço... rico... Ora quem dirá que o Alberto há de ser sempre constante?... Este é certo e sempre ouvi dizer que não deixes o certo pelo duvidoso... Mas não! Não! Isso seria muito feio! Um moço que nunca vi, nunca conheci... *(Caí numa cadeira*) E não tenho uma amiga, uma confidente... uma conselheira... que me ouça... que me atenda.. que me aconselhe'... *(Olha* para a rua) Ah! Alí vem a nossa vizinha D. Emília... uma viúva traquejada nestas cousas de namoro... Foi Deus que ma mandou!... *(Vai á janela e fala* para *fora)* Ó vizinha, antes de entrar em casa, podia dar-me uma palavrinha?...

VIZINHA *(Fora)* - Duas ou três se quiser...

Cena XV

EMÍLIA à janela e UMA VIZINHA na rua

VIZINHA *(Modos hipócritas; vestida a passeio)* - Como está, meu nome?

EMÍLIA - Assim-assim. E a senhora?

VIZINHA - Muito constipada; mas agora vou melhorzinha. Vim agora da Lapinha: fui levar uma velinha ao Menino Jesus...

EMÍLIA - Para ficar boa?...

VIZINHA - Então? Ah! Meu nome! A senhora não faz idéia! Desde que fiquei viúva, nunca mais tive um dia de saúde! Parece história! De mais a mais hoje acabei de engomar e pisei n'água fria!

EMÍLIA - Que loucura, meu nome! Não faça mais semelhante cousa...

VIZINHA - Não foi por querer. Meu sobrinho Vítor (aquele que é tipógrafo) não pode lavar as mãos sem deixar o lugar do lavatório todo molhado. Ai! Ai! Enquanto não me casar não tenho sossego!

EMÍLIA - Ora! Meu nome! O que tem seu sobrinho e o lavatório com o seu casamento?...

VIZINHA - Não é só isso, meu nome: os ataques histéricos não me largam...

EMÍLIA - Então a senhora acha que é muito bom o casamento?...

VIZINHA - Ó gentes! O que pode haver melhor do que a gente ter seu maridinho? Meu nome, por que não casa?...

EMÍLIA - Isso é bom de dizer... A senhora bem sabe que o Alberto...

VIZINHA - Quem?... O Dr. Alberto?... Se a senhora vai atrás dele, está bem aviada, meu nome... Aquilo é um empata...

EMÍLIA - Como é que sabe disso?...

VIZINHA - Gosta de todo o mundo... feminino. Ainda outro dia... Era um dia santo *(Como lembrando-se)* Que dia santo era, Emília? (*Recordando-se)* Creio que foi no dia de Natal... vinha ele no *bonde* piscando o olho... Adivinhe a quem, meu nome?...

EMÍLIA - A quem, meu nome?...

VIZINHA - A uma irmã de caridade...

EMÍLIA - O que é que diz?

VIZINHA - Ele passa aqui todos os dias por minha causa...

EMÍLIA - Por sua casa?...

VIZINHA - Por minha causa... E lança-me sorrisos ternos e diz-me amabilidades...

EMÍLIA - O que está dizendo, minha rica senhora?...

VIZINHA - Menina, eu tenho muita prática de homens... Sei o que são essas cousas...

EMÍLIA - Pois olhe, vizinha há um moço rico com quem me desejam casar...

VIZINHA - Deveras....

EMÍLIA - Deveras: é o sobrinho do padrinho de meu irmão...

VIZINHA - E o que vem a ser da senhora?...

EMÍLIA - Uma vez que o papai é compadre do tio dele e ele é sobrinho do compadre de papai, é por conseguinte de mamãe também... e como eu sou filha do compadre e da comadre do tio dele, creio que vem a ser meu primo...

VIZINHA - Um primo, e ainda em cima rico, não é moleque de tio Chico... Agarre-o com unhas e dentes, meu nome. Acredite que isto de maridos, qualquer serve, contanto que seja homem...

EMÍLIA - Mas supus que o Alberto fosse de outra marca...

VIZINHA - Não é capaz! Agora eu!... Eu talvez me case com ele...

EMÍLIA *(Vivamente)* - Como?...

VIZINHA - Tenho muito jeito para endireitar homens... A senhora verá como ele há de andar direitinho como um fuso! Adeus, meu nome: Nossa Senhora a faça feliz...

EMÍLIA - A senhora quer vir ver dançar os Reis aqui?...

VIZINHA - O moleque já me deu essa novidade... Quando eles vierem, eu passarei pela cerca e cá virei também... Até logo... *(Some-se).*

EMÍLIA - Até logo, meu nome... *(Sai da janela).*

Cena XV

FRANCISCA E EMÍLIA

FRANCISCA *(Entra muito contente)* - Menina... iaiá... aposto que hás de casar-te com o sobrinho do compadre...

EMÍLIA *(À parte)* - Ouviu tudo... *(Alto).* Sim, senhora: estou deliberada a isso...

FRANCISCA *(À parte)* - Já sabe quem é *(Alto).* E nada me dizias, hein, minha disfarçada? Hoje mesmo fica combinado o casamento. Agora, vai ajudar a Maximiniana, que são horas de acabar com aquele doce de araçá...

EMÍLIA - Não conheço o meu noivo: mas estou certa de que havemos de ser ambos muito felizes... *(Saindo, à parte).* O que não dirá o Alberto?... *(Sai).*

FRANCISCA *(Vai-lhes ao encontro)* Venham... venham...

Cena XVII

ALBERTO, REIS, BERMUDES E FRANCISCA

BERMUDES - Então, onde está a Milu, comadre?...

FRANCISCA - Está ocupada com o doce de araçá.

ALBERTO - A senhora disse lhe quem era eu?...

FRANCISCA - Não; mas ela o sabe...

ALBERTO - Como assim?... É impossível!...

FRANCISCA - Pois quando vim do sótão e lhe disse: aposto que hás de casar com o sobrinho do compadre, ela disse-me logo que estava resolvida a isso...

ALBERTO *(Admirado)* - Oh! Então ela?...

REIS - Então? Que cara é essa, Sr. doutor?...

BERMUDES - Não gosta de Milu?

ALBERTO - Muito; mas muito!

REIS - Pois se ela quer...

FRANCISCA - ... Casar com vossa senhoria.

ALBERTO - Justamente por querer quer casar comigo... Ela quer casar com o sobrinho do compadre!

REIS (*À parte*) - Enlouqueceu...

BERMUDES *(À parte)* - Está doido...

FRANCISCA (À parte) - Enlouqueceu...

REIS - Mas então quem é sobrinho do compadre?

BERMUDES - Quem é o meu sobrinho?...

ALBERTO - Eu sei que o sou... A Sra. D. Francisca...

FRANCISCA - Um favor, Sr. doutor; trate-me por D. Chiquinha...

ALBERTO - ... sabe que o sou... *(Aponta para Reis*.) O senhor (*para o tio*) vocemecê sabem; Ela, porém, não o sabe...

REIS *(À parte)* - Enlouqueceu...

BERMUDES *(À parte)* - Está doido...

FRANCISCA (*À parte*) - Endoideceu...

REIS - Endoideceu...

BERMUDES - Está doido...

REIS - O melhor é chamarmos a Milu; ela nos há de pôr isto em pratos limpos...

BERMUDES - Apoiado!

FRANCISCA (*chama*) - Milu... ó Milu!... *(Milu responde de dentro com um grito).*

REIS E FRANCISCA - Vem cá...

Trio

BERMUDES

Se percebo... se percebo,
sebo!
(A Reis e Francisca).
Perceberam a trapalhada?
REIS E FRANCISCA
Nada!
BERMUDES
Não entendo!
FRANCISCA
Não compr'endo!
REIS
Percebendo
quase estou...
BERMUDES
(A Reis) Pois dê graças
às cabaças:
o compadre adivinhou!
BERMUDES, REIS E FRANCISCA
Que embrulhada!
que maçada!
É preciso adivinhar!
A charada complicada
ninguém pode decifrar!

Cena XVIII

FRANCISCA. ALBERTO, REIS E EMÍLIA

EMÍLIA *(De olhos baixos)* - Senhora?

FRANCISCA - Vem cá, Milu: tu conheces aquele moço?...*(Toma-lhe o* braço *e aponta para Alberto).*

EMÍLIA *(Sem levantar a vista)* - Não, senhora...

REIS - Mas tu ainda não lhe vistes o frontespício! *(Toma-lhe também outro braço).*

FRANCISCA - Sim; não levantaste os olhos...

BERMUDES *(Benze-se)* - Cada vez isto se complica mais!

REIS - E não te queres casar com ele?...

EMÍLIA *(À parte) e ainda com os olhos baixos)* - Resolvi o contrário... Não posso esquecer-me do Alberto...

FRANCISCA - Então não respondes?

EMÍLIA - Não senhora.

REIS - Não respondes ou não queres casar?...

EMÍLIA - Não quero...

FRANCISCA - Responder ou casar?

BERMUDES *(Benze-se)* - Jesus!

EMÍLIA - Casar...

TODOS *(Menos Alberto e Emília)* - Ora esta!

ALBERTO - Que satisfação!

TODOS *(Espantados)* - Satisfação!

EMÍLIA *(Reconhece a voz de Alberto, levanta os olhos) -Ah!... (Corre para* ele) Quero! Quero!...

TODOS *(Espantados)* - Quer!

EMÍLIA - Pois este é que é o sobrinho do compadre.

TODOS - Este é que é o sobrinho do compadre?

EMÍLIA - Quero! Quero! Por que não hei de querer? *(Conversa* baixo com *Alberto).*

REIS *(A Bermudes)* - Estão doidos, compadres!

BERMUDES *(A Francisca)* - Estão doidos, comadre!

Cena XIX

Repetição

BERMUDES, FRANCISCA E REIS

Qu'embruihada!
que maçada! etc.

(A orquestra une com essa música o canto popular dos Reis, tocado em surdina)

REIS - Doidos ou não, casem-se!

FRANCISCA - Apoiado! E lã vêm os Reis.

Cena XX

FRANCISCA, ALBERTO, REIS BERMUDES E A VIZINHA

VIZINHA *(Entra da esquerda)* - Aqui estou eu, vizinha... Os Reis já estão perto, meu nome...

ALBERTO - Senhora viúvinha da parte d'além, se quer casar e não acha com quem.. ponha-se ao fresco, se não... A senhora quando andou a intrigar-me, não se lembrou daquela célebre cartinha que me escreveu, bastante para perder a sua reputação se a tivesse...

VIZINHA - Ó que vergonha, meu nome!... *(Vai saindo pelo fundo e esbarra com José, que entra em costume de burrinho)* Ui! *(Desaparece)*

Cena XXI

FRANCISCA, ALBERTO, REIS, BERMUDES, EMÍLIA E JOSÉ, *logo depois o rancho dos Reis, povo, etc.*

JOSÉ - Licença pro rancho, Sinhô velho.

RÉIS - Entre o rancho... *(Todos sentam-se, formando grupos. A música rompe forte; o rancho dos Reis entra e começa a executar suas danças e cantigas; povo agrupa-se na janela e invade a casa; cai o pano)*

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

Artur Azevedo (Artur Nabantino Gonçalves de Azedo), jornalista, poeta, contista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio de Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira n. 29, que tem como patrono Martins Pena.

Foram seus pais David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, corajosa mulher que, separada de um comerciante, com quem casara a contragosto, já vivia maritalmente com o funcionário consular português à época do nascimento dos filhos: três meninos e duas meninas. Casaram-se posteriormente, após a morte na Corte, de febre amarela, do primeiro marido. Aos oito anos Artur já demonstrava pendor para o teatro, brincando com adaptações de textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo, e pouco depois passou a escrever, ele próprio, as peças que representava. Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça Amor por anexins, que teve grande êxito, com mais de mil representações no século passado. Ao incompatibilizar-se com a administração provincial, concorreu a um concurso aberto, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1873, e logo obteve emprego no Ministério da Agricultura.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando Português no Colégio Pinheiro. Mas foi no jornalismo que ele pôde desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações literárias, como A Gazetinha, Vida Moderna e O Álbum. Colaborou em A Estação, ao lado de Machado de Assis, e no jornal Novidades, onde seus companheiros eram Alcindo

Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, em seus ardorosos artigos de jornal, em cenas de revistas dramáticas e em peças dramáticas, como O Liberato e A família Salazar, esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial e publicada mais tarde em volume, com o título de O escravocrata. Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve, sucessivamente, em O País ("A Palestra"), no Diário de Notícias ("De Palanque"), em A Notícia (o folhetim "O Teatro"). Multiplicava-se em pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, e outros. A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a Revista do Teatro. Por cerca de três décadas sustentou a campanha vitoriosa para a construção do Teatro Municipal, a cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume Contos possíveis, dedicado pelo autor a Machado de Assis, que então era seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos. Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, Contos fora de moda, e mais dois volumes, Contos cariocas e Vida alheia, constituídos de histórias deixadas por Artur de Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto e no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor de assuntos do cotidiano da vida carioca, e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas lhe forneceu assunto para as histórias. No teatro foi o continuador de Martins Pena e de França Júnior. Suas comédias fixaram aspectos da vida e da sociedade carioca. Nelas teremos sempre um documentário sobre a evolução da então capital brasileira. Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e extensão (e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas) encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje continua vivo como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira de todos os tempos, através de peças como A jóia, A capital federal, A almanarra, O mambembe, e outras.

Outra atividade a que se dedicou foi a poesia. Foi um dos representantes do Parnasianismo, e isso meramente por uma questão de cronologia, porque pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, todos sofrendo a influência de poetas franceses como Leconte de Lisle, Banville, Coppée, Heredia. Mas Artur Azevedo, pelo temperamento alegre e expansivo, não tinha nada que o filiasse àquela escola. É um poeta lírico, sentimental, e seus sonetos estão perfeitamente dentro da tradição amorosa dos sonetos brasileiros.

Obra: Carapuças, poesia (1871); Sonetos (1876); Um dia de finados, sátira (1877); Contos possíveis (1889); Contos fora da moda (1894); Contos efêmeros (1897); Contos em verso (1898); Rimas, poesia (1909); Contos cariocas (1928); Vida alheia (1929); Histórias brejeiras, seleção e prefácio de R. Magalhães Júnior (1962); Contos (1973).

TEATRO: Amor por anexins (1872); A filha de Maria Angu (1876); Uma véspera de reis (1876); Jóia (1879); O escravocrata, em colaboração com Urbano Duarte (1884); A almanarra (1888); A capital federal (1897); O retrato a óleo (1902); O dote (1907); O oráculo (1956); Teatro (1983).